



**HAL**  
open science

## A Atividade de produção coletiva de relatórios sobre os alunos do Colégio Batista Memorial em Duque de Caxias

Luciana Albuquerque, Claudia Osório

### ► To cite this version:

Luciana Albuquerque, Claudia Osório. A Atividade de produção coletiva de relatórios sobre os alunos do Colégio Batista Memorial em Duque de Caxias. Biennale Internationale de l'Éducation, de la Formation et des Pratiques professionnelles, Le CNAM; L'Association Biennale, Jun 2015, Paris, France. halshs-01222459

**HAL Id: halshs-01222459**

**<https://shs.hal.science/halshs-01222459>**

Submitted on 30 Oct 2015

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## **Communication 589 – Atelier Inclusion:**

### **A Atividade de produção coletiva de relatórios sobre os alunos do Colégio Batista Memorial em Duque de Caxias**

### **L'activité de production collective de rapports et d'informations sur des élèves au Colégio Batista Memorial à Duque de Caxias**

**Auteurs:** Luciana Gomes da Costa Albuquerque  
Claudia Osório

**Équipe de Recherche:** Groupe d'études et interventions de travail, subjectivité et santé – NUTRAS  
Universidade Federal Fluminense – UFF – Niterói - Brasil

#### **Résumé**

Il s'agit du témoignage du travail d'une psychologue scolaire face aux constantes demandes d'Examen Psychologique des élèves faites par des professionnels hors du cadre scolaire (médecins, orthophonistes, etc.). On cherche à répondre à cette demande de façon critique, avec la coopération de l'équipe pédagogique, en respectant les aspects éthiques et contextuels. On décrit le travail fait de 2011 à 2014 dans une école communautaire comptant aujourd'hui 560 élèves, à Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brésil. Dans les dernières décennies, l'Examen Psychologique et la hausse de sa demande font objet de débat au Brésil. Face aux innombrables questions soulevées par les documents écrits par des psychologues au Brésil, le Conseil National de Psychologie a organisé, en 2011, l'Année de l'Evaluation Psychologique.

**Mots-clés:** Examen psychologique. Psychologie scolaire. École. Activité du psychologue. Travail.

#### **Abstract**

This is the testimony of the activity of a school psychologist in the face of constant requests for students' psychological evaluation by professionals outside the school (doctors, speech therapists, etc.). It intended to respond this demand in a critical and participatory way with the cooperation of the pedagogical team, respecting the ethical and contextual aspects. It reports the registered work from 2011 to 2014, in a school, currently with 560 students, located in the municipality of Duque de Caxias, RJ, Brazil. The theme of psychological evaluation and its growing demand has been under discussion in Brazil in recent decades. The Federal Council of Psychology instituted 2011 as the year of Psychological Evaluation, for the numerous questions raised by the production of documents written by psychologists in Brazil.

**Keywords:** Psychological assessment. School psychology, School. Psychologist activity. Work.

#### **Resumo**

Trata-se do testemunho da atividade de uma psicóloga escolar diante dos constantes pedidos de Avaliação Psicológica dos alunos por profissionais de fora da escola (médicos, fonoaudiólogos, etc.). Buscou-se responder de forma crítica e participativa a essa demanda com a cooperação da equipe pedagógica, respeitando-se os aspectos éticos e contextuais. Relata-se o trabalho registrado de 2011 a 2014, em uma escola comunitária, atualmente com 560 alunos, situada no município de Duque de Caxias, RJ, Brasil. O tema da Avaliação Psicológica e sua crescente demanda estão em debate no Brasil nas últimas décadas. O Conselho Federal de Psicologia instituiu 2011 como Ano Temático da Avaliação Psicológica, diante das inúmeras questões levantadas pela produção de documentos escritos por psicólogos no Brasil.

**Palavras-chave:** Avaliação psicológica. Psicologia escolar. Escola. Atividade do psicólogo. Trabalho.

## Introdução

"If you want to go fast, go alone.  
If you want to go far, go together"  
African Proverb

O presente trabalho relata a experiência profissional de uma psicóloga escolar em sua atividade de produção de relatórios e informações sobre os alunos da escola na qual trabalha a pedido de profissionais especialistas de fora da escola: médicos, fonoaudiólogos, psicopedagogos, etc. Tais pedidos às escolas são frequentes durante o acompanhamento de crianças que estariam apresentando dificuldades de aprendizagem.

O trabalho se inscreve no campo teórico histórico-desenvolvimental da psicologia, principalmente no que se refere aos conceitos de Vygotski em suas relações com a psicologia do trabalho a partir dos estudos da Clínica da Atividade em sua contribuição para a compreensão do trabalho enquanto atividade dirigida produtora de subjetividade.

Diante dos conflitos que se configuravam como impasses envolvidos na atividade em questão, tomou-se a decisão de trabalhar no sentido de ampliar a cooperação, incluindo na tarefa de produção dos relatórios outros membros da equipe do colégio, como professores, coordenação pedagógica e funcionários. Assim, essa deixa de ser uma atividade exclusiva da psicóloga escolar para se tornar um campo de desenvolvimento e debate sobre o acompanhamento dos alunos, contribuindo inclusive nas decisões sobre as estratégias pedagógicas que a equipe têm tomado nos últimos anos.

### **Preconceito, inclusão e dificuldades de aprendizagem: o limiar da deficiência**

A exclusão acontece nas relações que estabelecemos pelos caminhos traçados na vida, sejam eles na escola ou fora dela. A ilusão promovida pela ideia de que a exclusão social é consequência da prática da escola fortalece o mito de que a ascensão social também dependerá apenas do nível de escolarização. Esse mito há muito já foi contradito; contudo, ainda é presente no ideário social que o caminho 'dourado' para o futuro digno é a escola (TUNES, 2011, p.21).

Aparentemente simples, a atividade de responder a uma demanda de relatório sobre uma criança em idade escolar envolve complexas relações entre a equipe da escola, a criança, sua família e os profissionais que solicitaram as informações. Trata-se de uma atividade politicamente atravessada por conflitos, produção de rótulos, preconceitos, mercantilização da deficiência, exclusão, etc.

Inúmeras podem ser as razões para processos de exclusão no ambiente escolar. Dificuldades de aprendizagem e de adaptação aos moldes tradicionais das escolas podem ser muito frequentes e têm um grande peso na existência e qualidade das relações principalmente durante a infância. Em geral são enormes as expectativas das famílias quanto a um sucesso escolar que fantasiosamente estenderá um tapete vermelho a uma brilhante carreira profissional. Mesmo em dias de crise econômica mundial e revolução digital são inúmeros e conhecidos os casos de pessoas escolarizadas e desempregadas ou de empreendedores que aprenderam tudo o que precisavam através da internet e se estabeleceram profissionalmente.

Outra polêmica que atravessa os muros da escola, envolve as angústias dos professores diante de alunos com dificuldades de aprendizagem onde o encaminhamento a um especialista seria um escape. Empurra-se a questão para frente, o diagnóstico subsidiará a partir de então o planejamento, magicamente acalmando os conflitos gerados pelo fato de o aluno não aprender (RAAD, 2011).

Em contrapartida percebemos em alguns familiares o uso do diagnóstico como o ponto de apoio para uma perpétua aprovação automática da criança na escola. A partir do "laudo" o aluno não poderia mais ser retido na série escolar, nem mesmo desafiado a novos saltos, rotulado como uma criança com

problemas, mantido na escola apenas para cumprir um script e ter o um certificado. Isso baseado no pensamento de que um “laudo” servirá sempre de escudo inclusive em concursos futuros onde pleitearão uma vaga em cota para pessoas com necessidades especiais.

Há trabalhos tratando todo esse quadro a partir da ideia de *iatrogênese social*, desde sempre colocando a criança em desarmonia e deslocada do convívio com seu grupo social, num comportamento passivo e dependente do médico e das instituições. (RAAD, 2011). Paralelo a isso temos observado nos últimos anos um grande crescimento da oferta desses serviços especializados em atendimentos psicológicos e afins. Um consumo bruto de tudo de novo em matéria de cuidados com a saúde e possibilidades de terapia. Crianças com todos os dias da semana preenchidos por alguma forma de tratamento compensatório de suas dificuldades, na busca por atingir um “nível” ideal ou superior aos demais colegas de escola.

Percebíamos todo esse cenário em 2011 quando iniciamos nossa atividade de psicóloga escolar no colégio em questão. Algo precisava ser questionado, debatido. Ao mesmo tempo o Conselho Federal de Psicologia decidiu que seria o ano temático da avaliação psicológica, com foco justamente na ética e nas práticas que estaríamos produzindo no Brasil.

Entra em cena a delicada atividade de observar o que estaria ocorrendo com uma criança, em meio a uma excessiva produção de diagnósticos que não necessariamente ajudariam na ação pedagógica do professor em sala de aula.

Vygotski em seu texto *Los problemas fundamentales de la defectología contemporânea* (VYGOTSKI, 2012) aponta criticamente para uma visão puramente quantitativa do desenvolvimento infantil, onde o fato de se nascer diferente logicamente era colocado numa relação de falta em diante do padrão dito normal. Englobando-se tudo numa relação “mais-menos”, segundo o autor, puramente quantitativa “com uma teoria de performismo pedológico, segundo a qual o desenvolvimento intrauterino da criança se reduz exclusivamente a um crescimento e aumento quantitativo das funções orgânicas e psicológicas” (VYGOTSKI, 2012, p. 12).

O importante é conhecer os caminhos pelos quais cada criança, singularmente, encontra saídas para o surgimento de forças potentes de superação, cada uma de uma forma distinta interessa pela criatividade e inventividade envolvida nas situações. Vygotski observou tais soluções visando inclusive entender melhor o desenvolvimento das crianças ditas “normais”. Descobrir até onde e como se pode ir criaria novos caminhos e possibilidades de forma geral para o desenvolvimento humano. Um estudo não com foco na falta, mas no que estas crianças teriam de potentes e diferentes em relação aos demais.

Não há uma perspectiva de estabilidade nos processos e de previsibilidade das ações. Não se pode controlar o meio de forma a se prever que tal ação provocará necessariamente tal comportamento. Cada sujeito é singular em meio aos processos. Trata-se aqui do protagonismo da criança. A possibilidade de que ainda que as situações sejam absolutamente adversas, coisas não previstas podem acontecer durante o seu desenvolvimento.

Pode-se sim provocar situações, ter intenções, proporcionar meios os mais diversos possíveis e criativos, para que o novo se dê. Principalmente através da arte. A criança permanecerá sempre cheia de infinitas possibilidades em sua relação com o meio, sem que se possa antecipar quais se realizarão.

É muito importante a perspectiva de liberdade que esse pensamento produz. O quão ricos poderão se tornar as experiências e histórias de vida por crianças diferentes num mesmo ambiente social. O quanto que, apesar de dificuldades apresentadas em determinadas fases de seu desenvolvimento, uma criança poderá inventar novas soluções, compensações e saídas criativas.

O trabalho aqui apresentado se mantém firme num compromisso político, ético e profissional de buscar garantir um ambiente escolar, que não produza discriminação, nem fique à mercê dos rótulos,

fabricação em massa de diagnósticos e laudos, mas que antes aponte saídas, enxergue potências e valorize o que cada criança em questão têm de melhor dentro de sua singularidade.

### **O Colégio Batista Memorial em Duque de Caxias**

Fundado em 10 de fevereiro de 2003, portanto há 12 anos, o Colégio Batista Memorial em Duque de Caxias (COBAM) atende atualmente a 537 alunos da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental. Trabalham no colégio 96 funcionários registrados segundo a Consolidação das Leis de Trabalho (CLT) brasileira, cerca de 60% destes são professores.

A escola fica localizada no município de Duque de Caxias, na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro denominada Baixada Fluminense. Trata-se de uma região marcada por graves problemas: violência urbana, precária infraestrutura, baixos índices educacionais, falta de saneamento básico, transporte público, energia elétrica, dentre outras dificuldades sociais.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a cidade de Duque de Caxias conta atualmente com uma população estimada em 873 mil habitantes e uma área territorial de 467,619 km<sup>2</sup>.<sup>1</sup> Tendo sido fundada oficialmente em 1943 numa região que no passado foi importante produtora de cana de açúcar, milho, mandioca, laranja e feijão, atualmente comporta um importante complexo petroquímico da Petrobrás e um grande parque industrial às margens da rodovia Washington Luís, que colocam as arrecadações financeiras da cidade entre as mais altas do estado. Porém seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) segundo dados do IBGE de 2010<sup>2</sup> permanece como o 49º do estado do Rio de Janeiro, ficando muito abaixo de municípios com arrecadações bem menores.

O COBAM é uma instituição de ensino criada e mantida pela Igreja Batista Memorial em Duque de Caxias, com mais de 50 anos de história e pertencente à tradicional Convenção Batista Brasileira. A denominação Batista no Brasil e no mundo, em sua compreensão do evangelho integral, historicamente, tem por princípio investir na educação seja ela religiosa ou laica.

O Brasil em sua Constituição Federal, artigo 5º, preza por um estado laico onde é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos na forma da lei<sup>3</sup>. É permitido a instituições religiosas manterem e responderem por instituições oficiais de ensino privado, fiscalizadas pelo Estado, desde que respeitem esses princípios constitucionais de liberdade religiosa.

Trata-se portanto, desde a sua fundação, de uma instituição comprometida com princípios de administração coletiva e comunitária. Segundo o estatuto da Igreja Batista Memorial, responde juridicamente por ambas as instituições um presidente eleito pela comunidade em assembleia geral previamente convocada, onde tem direito a voto todos os membros da igreja, cerca de 500 pessoas.

Há ainda um conselho administrativo que acompanha e fiscaliza os movimentos financeiros e demais decisões relacionadas a aquisição ou venda de patrimônio, por exemplo. Esse conselho também é eleito em assembleia pelos membros da igreja.

---

<sup>1</sup><http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=330170&idtema=16&search=|s%EDntese-das-informa%E7%F5es>. (Consultado em 24/02/2015).

<sup>2</sup><http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=330170&idtema=16&search=|s%EDntese-das-informa%E7%F5es>. (Consultado em 24/02/2015)

<sup>3</sup> BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.

A direção do colégio é indicada conjuntamente pelo seu presidente e o conselho administrativo e homologada pela igreja. O COBAM é administrado atualmente por uma equipe de três diretoras, com formações em pedagogia, administração e psicologia, além de seu presidente. Há uma preocupação com a discussão das decisões sempre de forma coletiva e o mais participava possível.

Uma das três diretoras, por sua formação e experiência profissional, com a saída da antiga psicóloga escolar, a pedido da mesma, em julho de 2011, acumulou então suas atividades relacionadas à direção da escola com as atividades que até então eram exercidas pela psicóloga da instituição. Certamente essa condição deu à profissional de psicologia uma maior autonomia na introdução de questionamentos acerca da forma como se dava até então a produção dos relatórios e respostas para profissionais de fora da escola. Foram propostas mudanças à instituição com relação ao processo dessa produção que são aqui apresentadas.

Atualmente o Colégio Batista Memorial possui duas unidades: a principal onde são atendidos os alunos com até 16 anos de idade cursando do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental, denominado COBAM, e uma segunda unidade adquirida em 2012, denominada Memorial Kids onde são atendidas crianças da Educação Infantil a partir de 2 anos e 6 meses até o 3º ano do Ensino Fundamental. As unidades se distanciam cerca de 500 metros uma da outra.

Próximo às duas unidades há uma terceira propriedade com cerca de 750 m<sup>2</sup> onde atualmente funciona o estacionamento do colégio. Nesse local será construída uma quadra poliesportiva que atenderá ao colégio e à igreja.

## **A produção coletiva**

Ao analisarmos nosso processo de produção de relatos psicopedagógicos por parte da escola podemos observar que temos respeitado as seguintes etapas: a) análise da demanda, b) levantamento da história do aluno e suas singularidades, ao menos no que se refere à sua relação com a instituição, c) análise do trabalho feito com a criança até então e de seus objetivos, d) escolha das estratégias, dos instrumentos e possibilidades de observação, de como e com quem coletar as informações, e finalmente, e) a definição do processo de como se dará a devolutiva tanto ao profissional que solicitou a informação quanto à família da criança.

Há ainda a questão transversal da atenção aos princípios éticos e dos Direitos Humanos, que devem ser mantidos durante todo o processo. Nossa opinião influenciará a vida da criança e sua família. Há força no que se escreve para provocar sentimentos e frustrações ou ao mesmo tempo produzir novas potências.

Nosso relato está baseado no trabalho feito de agosto de 2011 a novembro de 2014, período no qual foram produzidos 43 documentos relacionados a 25 crianças em resposta a solicitações de diversos profissionais de fora da escola. Os pedidos partem com um pouco mais de frequência de médicos e psicólogos, seguidos por fonoaudiólogos e psicopedagogos. Há ainda algumas solicitações de terapeutas ocupacionais e também de equipe técnica de órgãos jurídicos. Há uma média de cerca de dois documentos produzidos por criança, há casos em que só uma informação foi solicitada, e casos em que quatro relatórios foram feitos sobre o mesmo aluno.

Os alunos em questão chegaram gradativamente para a escola no decorrer desses três anos de trabalho. Alguns não estão mais na escola, por inúmeras razões, entre elas mudança de endereço, conclusão do curso, ou mesmo relacionadas a novos rumos dos acompanhamentos especializados.

Com relação aos diagnósticos apresentados à escola, há diversas situações diferentes: dois casos de autismo, dois problemas relacionados a consequências do parto, casos de depressão após a morte ou doença de algum familiar e uma grande maioria de casos diagnósticos como Transtorno de Déficit de

Atenção e Hiperatividade (TDAH). Há ainda algumas situações nas quais permanecemos sem a identificação de nenhum diagnóstico, o que não impede a reflexão e o trabalho da equipe escolar.

a) A análise da demanda:

Guardadas todas as observações acima, é possível que, em alguns momentos, a própria escola solicite que o responsável procure um especialista a fim de ajudar ao aluno. A princípio indica-se que a mãe converse com o pediatra que já acompanharia a criança. Pode-se solicitar a ajuda de um fonoaudiólogo em casos claros de problemas na fala com troca de fonemas. Em questões comportamentais que envolvam aspectos emocionais, como por exemplo, separações conjugais traumáticas, pode-se sugerir que a família procure um psicólogo. Pode-se também fazer um pedido de avaliação e acompanhamento psicopedagógico individual com relação a dificuldades mais específicas ligadas à aprendizagem, depois de tentarmos diversas estratégias sem sucesso. Nesses casos a escola pode indicar profissionais com os quais já mantém contato a partir de uma boa parceria no acompanhamento de outros alunos, porém, apesar disso, a família tem liberdade para procurar o profissional que seja de sua confiança e condições financeiras, ou ainda de optar por não investigar a questão sinalizada.

Temos como equipe a preocupação de discutir cada caso antes de conversarmos com os responsáveis, a fim de que, caso decidamos por uma das indicações acima, que tudo seja feito com muita cautela, ouvindo-se com atenção à família, e tomando-se a decisão apenas por um profissional de cada vez, sem uma invasão de especialistas no cotidiano da criança. É importante definir com a família que acompanhamento seria primordial naquele momento, montando assim em conjunto um plano de ação.

Há situações em que o aluno já chega para a escola acompanhado de diversos especialistas. Nesses casos procuramos entender junto à família como se deu essa procura de atendimento especializado, quem solicitou e por quê.

Pode ocorrer de que o responsável decida e procure por conta própria ou por indicação do pediatra da criança a ajuda de um especialista. Já testemunhamos da escola só ser informada meses ou até mesmo um ano depois do início do acompanhamento, quando finalmente o profissional decidiu mandar algum questionário ou escala para ser preenchido pela professora.

Há alunos que iniciam medicação com substâncias que mudam visivelmente seu comportamento, deixando-o sonolento, por exemplo, e que apenas após informamos as mudanças de comportamento aos responsáveis estes nos dizem que pode ser efeito do remédio. Aí sim, procuramos entender junto à família o que está ocorrendo e com que finalidade o aluno está sendo medicado.

Por mais invasiva que possa parecer a posição da escola, é fundamental que se entenda que a criança passa de quatro a cinco horas de segunda a sexta-feira sob responsabilidade dos profissionais do colégio, e que informações assim mudam em muito a compreensão de todo o processo de aprendizagem que se passa com o aluno.

Ainda com relação à demanda, anteriormente era comum ocorrer do responsável pela criança solicitar oralmente à professora ou coordenadora pedagógica um relatório da escola para levar na primeira consulta ao especialista, ou iniciar sua procura a um profissional. Essa prática que aparentemente só facilitaria o processo mostrou-se uma possível armadilha, pois levava a equipe a preparar um relatório sem saber com que profissional estaria dialogando, e muitas vezes não tinha nenhum retorno de tal relatório, nem do responsável nem do especialista.

Decidiu-se que só produziríamos qualquer informação a partir de um pedido por escrito identificando quem solicitava (médico, fonoaudiólogo, psicólogo, etc.) e o motivo da solicitação. Passamos então a ter no registro do aluno um histórico dos profissionais com quem a escola tem dialogado, ainda que não se possa chamar isso de equipe multidisciplinar, temos no mínimo os contatos entre as partes que acompanham a criança, com os quais procuramos contato sempre que necessário.

b) Levantamento da história do aluno e suas singularidades:

É importante esclarecer que o Colégio Batista Memorial alguns anos após sua fundação optou por contratar uma psicóloga que na ocasião ficava responsável tanto pela produção desses documentos/relatórios solicitados à escola, quanto por um acompanhamento interno dessas crianças.

Com relação ao ofício de psicólogo escolar, essa seria uma tarefa aparentemente simples comum, tanto a produção individual de tais relatórios por um viés mais técnico, sigiloso ao profissional da psicologia, quanto por vezes entender ser necessário retirar o aluno de sala de aula para entrevistas e produção de tais documentos. Também poderia marcar encontros com as famílias.

Nossa proposta à equipe foi de que a construção de tais respostas pudesse servir de ponto de partida de uma discussão coletiva sobre o desenvolvimento da criança e de novas estratégias pedagógicas a serem oportunizadas. Tornou-se um processo mais demorado e trabalhoso, que exigiu um certo convencimento da equipe.

Na construção das respostas a avaliação dos professores é muito importante, assim como a dos demais membros da equipe. Ao recebermos um pedido informação conversamos então com a professora para entendermos como tem sido até então a relação com o aluno, seu rendimento escolar, a relação da escola com os responsáveis pelo aluno, enfim, um levantamento de todos os dados necessários para entendimento da situação como um todo.

Nessa etapa de coleta de informações outros funcionários da escola poderão participar, dependendo das situações e relações do aluno com os mesmos, sejam monitores, motoristas, secretárias, etc.

c) Análise dos objetivos do trabalho feito com a criança até então.

Na maioria das situações de solicitação de informações da escola acerca de determinado aluno, em geral, a criança já está sendo acompanhado pela equipe, e certamente, algum diálogo já tenha sido aberto com a família. Em algumas vezes há inclusive outros relatos arquivados e que também servirão de material no momento da construção de uma informação mais atual.

É muito importante a revisão dos objetivos e metodologias adotadas no trabalho feito até então e a avaliação constante da necessidade ou não de mudanças nos rumos das decisões tomadas.

d) Escolha das estratégias, dos instrumentos e possibilidades de observação

Observar uma criança pode se tornar uma situação extremamente desafiadora. De fato os professores são figuras privilegiadas nesse processo, pois não provocarão mudança na rotina escolar do aluno e ao mesmo tempo têm oportunidade de vivenciar inúmeras situações que possibilitam diversas análises do processo pelo qual passa a criança. Nos ajuda nesse trabalho o fato de haver professores diferentes lidando com cada turma, e que cada um poderá contribuir com dados específicos que tenha observado, diante das diferentes atividades que são propostas nas aulas.

Por vezes, porém não necessariamente, a psicóloga escolar e até mesmo uma estagiária de psicologia inicia uma aproximação, seja indo à sala de aula, ou participando de alguma atividade com os alunos sem que os mesmos se sintam especificamente sendo observados.

Todas as informações são importantes na montagem um quadro que serve como uma fotografia daquele momento específico no qual se encontra o aluno, mas que pode se modificar de forma muito rápida.

Os textos finais são fruto de muitas mãos. Rascunhos iniciais dos professores, tentativa por parte da psicóloga de fechamento de uma ideia, releitura pelos professores e coordenação desse texto, revisão, acréscimo de novos dados, e finalmente um consenso.

e) Construção da devolutiva ao profissional que e à família da criança.

É parte fundamental do processo a decisão sobre a forma como se dará o diálogo com o profissional que solicitou a avaliação. Em nossa experiência um caminho que tem se mostrado ideal é quando a escola e o profissional finalmente conseguem um encontro pessoalmente. Melhor ainda quando esse encontro se dá na escola, para que o mesmo possa conhecer as instalações, professores, enfim, o ambiente onde a criança passa boas horas dos seus dias.

Em alguns casos esses encontros foram possíveis, e são de longe as situações com melhor prognóstico e resposta até aqui. O fato do especialista entender ser importante o diálogo com a equipe da escola e se dispor a ir até lá em geral abre novas perspectivas no acompanhamento do aluno.

Infelizmente no mundo do trabalho real, na maioria das vezes esses encontros não são possíveis, por uma série de impedimentos, da ordem do tempo, espaço e desejo.

Ainda assim, há profissionais de fora da escola que desenvolvem um bom contato telefônico ou por e-mail, mantendo-se o mais próximo possível da equipe e nos mantendo informados do desenvolvimento do acompanhamento dado ao aluno.

Porém em diversos casos não temos nenhum retorno. Prepara-se um documento, que é entregue aos responsáveis pela criança do qual não temos notícias posteriores.

Mesmo nesses casos, nossa forma de trabalho a partir do diálogo, a existência de uma discussão interna do caso, o início das observações e a forma democrática que optamos para todo esse processo, têm contribuído para um desenvolvimento da atividade na equipe. Isso pode ser observado por relatos dos professores acerca de novos entendimentos em sua prática pedagógica e por arriscarem a invenção de novas atividades, por vezes muito simples, mas que tem sido interessantes para as crianças.

### **O Referencial Teórico da Clínica da Atividade**

A experiência relatada até aqui é baseada em alguns referenciais teóricos. Dentre eles está principalmente o da clínica da atividade (Clot, 2006), que considera o trabalho não como uma atividade qualquer, apenas algo a mais na existência, mas sim como formador e produtor de subjetividade. No trabalho está a possibilidade de produção de sentido, espaço para novas aprendizagens, cognições, que reformularão o viver tendo como caminho a atividade. Segundo esse ponto de vista, a atividade de trabalho não apenas tem uma função social, produzindo objetos, serviços e trocas sociais, mas também uma função psicológica, na medida em que possibilita ao trabalhador descolar-se de si e dirigir-se ao outro, bem como a seu objeto de trabalho, desenvolvendo-se como ser humano (CLOT, 2006; OSÓRIO, BARROS & LOUZADA, 2010).

O conceito de atividade, em primeiro lugar não pode ser entendido de maneira simplista. De acordo com Clot (2006) atividade não é somente algo que se realiza, mas todo o conjunto de escolhas que tiveram de ser feitas para a realização da ação, as tensões, o que se deixa de fazer, o que se gostaria de ter feito, o que se pensa poder fazer em outro momento a partir da atividade daquele instante, o que não se faz, o que se faz sem vontade, o que se fazia antes e que não se faz mais para que aquela ação se realize ou o que se faz para que aquela ação não se realize.

Há um caráter interativo na atividade, ela é sempre dirigida. Trabalho, nessa perspectiva, é atividade dirigida. A atividade de um sujeito é sempre resposta à atividade dos outros, resposta de outras atividades, como o elo de uma corrente (CLOT, 2006).

Quando eu faço alguma coisa no meu trabalho, na verdade estou dialogando com meu objeto e com outra coisa que pode ser meu par, etc. Quando as pessoas falam de suas atividades, na escola, por exemplo, para os colegas, para um coordenador ou diretor, estão se dirigindo a alguém, mas durante

todo o tempo há um terceiro – um interlocutor virtual - atravessando essas falas, há um diálogo inclusive com quem não está presente, com fatores maiores do que aquele momento. Esse outro pode ser inclusive a atividade de outra pessoa que de certa forma atravessa a aquela atividade e que pode vir a competir com a dele, ou seja, a atividade do professor pode ser atrapalhada, por exemplo, pela atividade de outro professor, da merendeira ou do porteiro da escola, ou até mesmo pela família do aluno, a ponto de impedi-la. Fica clara a ideia de atividade não apenas como tarefa cumprida, mas como uma teia de opções, escolhas, que inclui o que deixo de fazer, o que faço para fazer, o que gostaria de ter feito, etc.

O fruto final de um trabalho inevitavelmente será resultado da participação, ainda que indireta, de muitas mãos. Torna-se praticamente impossível realizar-se qualquer atividade sem a cooperação direta ou indireta de um coletivo de trabalho.

Enquanto atividade dirigida, portanto, a atividade tem sempre conflitos, diálogos, negociações, bem ou mal sucedidas. Na realização da atividade há sempre competição e cooperação em jogo. Dependendo do nível e quantidade das competições/cooperações haverá grande variação na atividade. Nesse sentido atividade dirigida é quase sempre conflito, visto que cada trabalhador pertence a vários universos simultaneamente, com os quais mantém perpétuos diálogos, ainda que apenas internos.

### **Considerações Finais**

No campo da educação pensa-se a avaliação do conhecimento como um processo constante que se dá a todo momento em o professor se encontra com o aluno. Não seria diferente com relação às demandas de outros tipos de avaliação, elas se dão a todo momento, no cotidiano. Toda a ação profissional psicológica ou pedagógica em si traz sua peculiaridade avaliativa, não é possível determinar em que momento cada resposta teve início e fim, mas sim entender que elas nascem de um processo relacional dos profissionais da escola com a criança, a partir de um meio que envolve uma série de atravessamentos, incluindo os demais alunos e profissionais, o ambiente onde as situações se desenvolvem.

O que nossas respostas estão produzindo politicamente falando? A quem respondemos e de que forma? Não podemos fechar os olhos a tudo o que se encontra por trás de tais demandas, às consequências de classificações que mais discriminam do que promovem desenvolvimento e autonomia. Vivemos numa sociedade capitalista, hipermoderna, e precisamos observar o que em nossas práticas se compromete com essa lógica e em nome de que produzimos nossas respostas. Acima de tudo se estamos mantendo um compromisso com o ser humano e suas potencias e não com a manutenção das desigualdades. A esse respeito podemos citar o Relatório do Ano Temático da Avaliação Psicológica:

Significa principalmente que nós precisamos assumir o nosso tempo, esse é o tempo que nos produz demandas e é com esse tempo que precisamos trabalhar. Portanto, precisamos sempre colocar em análise que respostas são essas que constantemente produzimos. Não é deixar de produzi-las, mas é o tempo todo pensar a partir de quais definições operacionais e de quais medidas do homem nós produzimos respostas nesse campo e nesse tempo que nos solicitam respostas (BICALHO, 2011/2012, p. 35).

Há sempre muitos desafios em se tentar o novo. Há obviamente uma tendência a se manter um estado com o qual se está acostumado e que parece mais confortável. Nesse processo pode-se inclusive pensar que a psicóloga não quer mais resolver sozinha seu próprio trabalho, ou mesmo que estaria insegura em investigar por sua conta e risco o que se passaria com a criança.

Grande parte do trabalho de se transformar uma ação individual em ação coletiva e participativa está no convencimento de que o novo processo garantirá a excelência do trabalho bem feito, que a opinião de todos é importante e que uma mudança na visão que temos do conceito de inclusão escolar

consequentemente modificará nossas atividades profissionais e ao mesmo tempo o meio onde a criança está inserida.

Consideramos que ainda seja uma atividade de trabalho em construção, são necessários diversos diálogos internos e externos para a consolidação dos conceitos e mudança. Alguns dos textos usados em nossa bibliografia assim como o texto final desse trabalho enviado à Biennale Internationale d'Education têm servido como disparadores de debate em atividade interna do colégio denominada Centro de Estudos, com a participação da equipe técnica e professores.

## **BIBLIOGRAFIA**

BICALHO, Pedro P. *Direitos Humanos e Avaliação Psicológica: pela abertura das caixas pretas que nos constituem*, in: *Relatório do ano temático da avaliação psicológica 2011/2012*. Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: 2013. p. 30 – 36.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.

CLOT, Y. *A função psicológica do trabalho*, Petrópolis, RJ, Vozes, 2006.

OSORIO DA SILVA, C. BARROS, M. E. B. & LOUZADA, A. P. (2010). *Clínica da atividade: dos conceitos às apropriações no Brasil*. In P. Bendassolli & L. Soboll (Eds.), *Clínicas do Trabalho: perspectivas francesa e brasileira*. São Paulo, Editora Atlas, Pp. 188-207.

RAAD, Ingrid; XIMENES, Penélope. *A deficiência como mercadoria*. In: TUNES, Elizabeth. *Sem escola, sem documento*. Rio de Janeiro: E-papers, 2011. p. 97 a 117.

TUNES, E. *Sem escola, sem documento*. Rio de Janeiro, E-papers, 2011.

VYGOTSKI, L. S. *Fundamentos da defectologia*. Boadilla del Monte, Madrid: Antonio Machado Libros, 2012.